

## Educação para os media: começar de novo

---

### No 25º aniversário da Declaração de Grunwald

Completam-se em 22 de Janeiro próximo 25 anos sobre a data em que a UNESCO publicou a inspiradora Declaração de Grunwald sobre Educação para os Media (\*). No documento, elaborado por um grupo de peritos reunidos naquela cidade alemã, começava-se por observar que muitas crianças passavam, já nessa altura, mais tempo a ver televisão do que a frequentar a escola. Esta realidade era assim analisada no documento em referência:

*"Mais do que condenar ou justificar o inquestionável poder dos media, urge aceitar o seu significativo impacto e a sua difusão através do mundo como factos consumados, valorizando ao mesmo tempo a sua importância enquanto elemento de cultura no mundo hodierno. O papel da comunicação e dos media no processo de desenvolvimento não deveria ser subestimado, tal como a função desses meios enquanto instrumentos ao serviço da participação activa dos cidadãos na sociedade. Os sistemas político e educativo devem reconhecer as respectivas obrigações na promoção de uma compreensão crítica do fenómeno da comunicação entre os seus cidadãos".*

Um quarto de século depois, estas linhas orientadoras mantêm uma actualidade evidente. Sobretudo porque, apesar de todas as reformas e da frequente evocação de preocupações por parte de pais e educadores, muito pouco se fez em Portugal de consistente e sistemático nesta matéria. E, no entanto, ao longo destes 25 anos, é verdadeiramente impressionante o quadro das inovações tecnológicas e das mudanças nas práticas comunicativas. Basta referir a liberalização do audiovisual, a explosão da TV por cabo, os telemóveis, os videojogos e, sobretudo, a Internet e todos os media e ferramentas que no seu âmbito se têm vindo a desenvolver.

Neste novo contexto, a informação cresceu exponencialmente, mas não se promoveu a capacidade de a procurar, nela navegar de forma inteligente e útil, de a avaliar e verificar. Há mais informação, mas não é nada seguro que haja melhor comunicação. Mais preocupante: a educação para os media, neste espaço de tempo, foi frequentemente reduzida à sua dimensão tecnológica (como se fosse isso de que as gerações mais novas mais carecessem), mas num quadro em que raramente a tecnologia é convertida em tema de estudo e de análise.

Grande é, assim, o risco, de fazer das escolas espaço ideal para a ampliação de mercados e de clientelas que os grandes grupos económicos das TIC ambicionam.

Perante estes enormes desafios ? a que haveria que juntar toda a gama de novas ferramentas da chamada web 2.0 que abrem a possibilidade de todos tomarem um papel mais activo no ciberespaço ? impõe-se aproveitar os 25 anos da declaração de Grunwald para relançar a educação para os media enquanto eixo estruturante da formação dos cidadãos.

A União Europeia, que tem tido uma actuação discreta neste terreno, tem aberta, neste momento, uma consulta pública (\*\*) sobre o que tem sido e deveria ser, no futuro, a educação para os media. O contributo de todos os que se preocupam com a qualidade da formação para a cidadania deveriam agarrar esta oportunidade de fazer ouvir a sua voz na matéria e aproveitar para pressionar não apenas as autoridades de Bruxelas, mas também os responsáveis nacionais pela educação.

De facto, a educação para os media não pode ser meramente entendida como a capacidade de aceder, analisar e avaliar a informação difundida através das diversas linguagens e dos diferentes meios analógicos e digitais. Importa saber contextualizar essa informação num quadro cultural mais vasto e aprender a tirar partido dela para as necessidades da vida e para a criação de cultura e de comunicação.

Essa é uma tarefa de enorme alcance cultural e político a que urge meter ombros.

(\*) Cf.: [http://www.unesco.org/education/pdf/MEDIA\\_E.PDF](http://www.unesco.org/education/pdf/MEDIA_E.PDF)

(\*\*) [http://ec.europa.eu/comm/avpolicy/media\\_literacy/index\\_en.htm](http://ec.europa.eu/comm/avpolicy/media_literacy/index_en.htm)